

COMPREENDENDO E CONSTRUINDO NOVAS POSSIBILIDADES PARA A (IN)DISCIPLINA EM SALA DE AULA

Aline Lucia Grassi, 2950

AlineIgrassi@gmail.com

Resumo: A indisciplina em sala de aula e na escola é, atualmente, um dos grandes desafios colocados para os educadores, onde o seu real conceito causa dúvidas e a errônea condução exagerada e punitiva, distorcendo o que é a educação e podendo o que a sala de aula pode proporcionar. No entanto quando compreendemos o que é disciplina conseguimos repensar a prática docente e construir novos significados e consequentes resultados oriundos da relação professor-aluno.

Eixo Temático: Prática docente

Palavras-chave: Disciplina, Indisciplina, Educação, Prática Docente.

1 INTRODUÇÃO

Um assunto falado, debatido e amplamente estudado no contexto pedagógico, e que tem preocupado a vida de muitos educadores é, sem dúvidas, a questão disciplinar dentro da sala de aula. Cada vez mais, crianças tem se manifestado e demonstrado a falta de controle próprio e/ou organização em tudo o que fazem, gerando reflexos intensos no ambiente escolar. A culpa é dos pais? Da sociedade? Da escola? Dos professores? Não vem ao caso. Importa saber que esta é uma condição recorrente onde todos os envolvidos no processo de formação da mente infantil tem uma parcela de influência.

Afirma-se que a função da escola é a formação do homem novo e da nova sociedade. Este homem novo deve ter capacidade de autodeterminação; toda ação do professor, da escola, da família e da sociedade deveria ajudar a formar este autogoverno. O que está ocorrendo é que tanto o professor, quanto a escola e a família não estão com seus autogovernos

definidos, ficando o aluno desorientado também.
(VASCONCELLOS, 2010, p. 31)

Diante de uma situação como esta, é inevitável que venhamos a concluir que a indisciplina em seu aspecto generalista se expandiu, já que as crianças indisciplinadas do passado cresceram e assumiram o papel de seus pais e professores, porém, sem exercer o controle de si próprios. E se não há domínio consciente por parte daqueles que orientam, como os orientandos o terão? Estamos imersos num emaranhado de complicações, sendo elas consequência daquilo que fizeram no passado e tem se perpetuado no presente.

Depois de ter observado a existência desta problemática, este artigo surgiu a fim de entender e construir a possibilidade de uma disciplina interativa, aliando os conhecimentos teóricos adquiridos através de pesquisas bibliográficas e as experiências práticas vivenciadas no cotidiano escolar. Para isso, usaremos Vasconcellos, White, D'Antola e Vianna, embasando o que for escrito.

2 DISCIPLINA X INDISCIPLINA

O que é uma sala disciplinada?

Era uma turma de 3º ano do ensino fundamental anos iniciais. 32 alunos em uma sala razoavelmente pequena. Janelas fechadas, ar condicionado ligado e uma auxiliar que ficava ali até o horário do intervalo. No canto inferior esquerdo do quadro, haviam os seguintes dizeres: *10 minutos do intervalo*, e abaixo disso uma relação de nomes de alunos que segundo o olhar disciplinador da professora estavam atrapalhando o bom funcionamento da aula. Quando os ruídos começavam a surgir, a professora dizia em tom alto: *“Silêncio terceiro ano! Ou vão ficar todos aqui na hora do recreio!”*.

Sem dúvidas, essa é uma situação corriqueira nas salas de aulas. A famosa tática skinneana de estímulos negativos para manter a obediência parece não sair de moda dentro das escolas. É interessante observar que ameaças como essa surgem como punição ao barulho da turma, e é aqui que a discussão para responder à questão lançada linhas acima tem início. Para entender o que é disciplina, precisamos analisar o que tem sido visto como indisciplina.

Geralmente, disciplina é entendida como adequação do comportamento do aluno àquilo que o professor deseja. Só é

considerado disciplinado o aluno que comporta-se como o professor quer. A questão que poderia ser colocada é a seguinte: que comportamento deseja o professor? É frequente o desejo do professor que o aluno fique quieto, ouça as explicações que tem para dar, faça direitinho os exercícios e pronto. Se isto acontecer, sentir-se-á realizado. (VASCONCELLOS, 2010, p. 47)

Dizer que uma turma é indisciplinada porque conversa, é desumanizar o conceito de educação, já que, como afirma Wallon, *o homem é geneticamente social* (1979, p. 156) e planejado para a comunicação e interação. Seguindo a mesma linha de raciocínio, dizer que um aluno é indisciplinado porque levanta da sua cadeira e vai para a mesa do colega ao longo da aula encaixa-se no mesmo padrão desmoralizante da pedagogia. Explicar o que é, realmente, uma sala indisciplinada, exige entender em que ponto temos equilíbrio entre disciplina e a falta dela. Talvez, a falta de compreensão dos professores e a corrida sem fim em busca da autoridade em seu espaço de atuação seja o desencadeador da discórdia com o aluno. Enxergad muitas vezes como uma arma, a disciplina apresenta-se apenas como punição e repreensão, tendo em vista a necessidade momentânea do professor em manter o silêncio para não “atrapalhar” a explicação.

No livro “Sala de Aula: Disciplina e Gestão” (1995), Ollie Gibbs e Jerry Haddock expandem o conceito de disciplina relacionando o mesmo com o propósito de discipular e o desassociam da punição. Segundo eles, “enquanto a punição é retroativa, a disciplina tem em vista o futuro.”(p.4)

Quando a disciplina é vista como um processo de discipulado, adquire um significado maior. A ênfase não é mais colocada somente nos aspectos negativos da punição; mas está, agora: onde deve estar - no treinamento positivo e necessário para uma vida feliz e produtiva. (OLLIEGIBBS E JERRY HADDOCK, 1995, p. 4)

De acordo com o Dicionário Michaelis (acesso virtual em 07/06/2018), discipular vem da palavra discípulo, que significa “aquele que recebe ensino de alguém”, logo, discipular está relacionado a passar o ensino, conduzir. Tratando-se deste assunto, podemos usar Jesus Cristo como exemplo e guia, já que exerceu a função de Mestre e

disciplinador enquanto viveu nesta terra. Seus discípulos foram fruto de uma atuação constante, cheia de disciplina e distante da frieza e impessoalidade da repreensão apenas por punição. Jesus nunca deixou de repreender os seus discípulos, mas o fazia com amor. Ele advertia, admoestava e demonstrava através do Seu exemplo que os resultados da obediência consciente eram melhores. Ele disciplinava através da conversa e da convivência, e não por meio do medo.

A visão que o educador possui de sua ação pedagógica é fundamental para a construção de relação educacional. E esta visão encontra-se hoje marcada pela tão debatida contradição liberdade/repressão: de um lado, temos os educadores que só entendem educação através da ótica da repressão; e reagindo a esta concepção existem, no extremo oposto, educadores que acreditam que o ato educacional tem como premissa, como ponto de partida, a liberdade total. (VASCONCELLOS, 2010, p. 35)

O grande segredo deste Mestre para conquistar a disciplina e o conseqüente discipulado daquele grupo de seguidores, está na concepção que Ele possuía de que antes de exigir, Ele deveria viver. Jesus encontrou o equilíbrio em sua turma desunida e importuna, porque sabia o que eles precisavam desenvolver em seu caráter e personalidade para serem capazes de suportar as dificuldades que estavam por vir. Ele visualizava o futuro, vivia o que pregava e agia com amor. Ele *conquistou a autoridade* para repreender Seus alunos porque vivia da mesma forma.

3 AUTORITARISMO X AUTORIDADE

Disputa.

12 alunos de uma turma do pré 5 estavam em aula. De repente, a conversa começou. De acordo com a professora, o burburinho ultrapassou os limites e, para manter o controle a ameaça surge: ***“Pré 5, vocês não vão brincar no parquinho se esse barulho continuar!”***

Os famosos dez minutos do intervalo, da educação física ou, como no caso acima, do parquinho, sempre fizeram parte do cotidiano escolar. De certa forma, entende-se que o uso dessas ameaças a punições são uma alternativa disciplinadora para o barulho, usada para que os alunos entendam que não podem conversar fora de hora, mas devem manter o silêncio e prestar atenção ou sofrerão conseqüências. Tendo em vista o que visualizamos acima, percebemos que essa prática é, na verdade, uma demonstração clara de alguns fatores: (1) o professor não tem domínio da classe por si próprio, mas necessita de alternativas (punição) para conseguir o que quer; (2) o professor não está exercitando a disciplina para desenvolvê-la conscientemente em seus alunos para um futuro próximo; a ameaça a punição prevê um resultado imediato para ele consiga trabalhar, sem pensar no que está por vir; (3) os alunos obedecem por medo de perder aquilo que gostam, e não porque entendem que de fato fazer silêncio naquele momento é o melhor para o seu aprendizado.

Dirigir o desenvolvimento da criança, sem estorvá-lo por meio de um governo indevido, deve ser objeto de estudo tanto por parte do pai como do professor. As regras demasiadas são coisa tão ruim como a deficiência delas. O esforço para se “quebrar a vontade” de uma criança é um erro terrível. Os espíritos são constituídos diferentemente; conquanto a força possa conseguir uma submissão aparente, com muitas crianças o resultado é uma mais decidida rebelião no coração. Mesmo que o pai ou o professor consiga impor a sujeição que deseja, o desfecho poderá ser não menos desastroso para a criança... (WHITE, 2015, p. 210)

Existe hoje, dentro das salas de aula uma constante disputa de poder. De um lado, temos o aluno, que por ser sociável e humano, interage, brinca e quer se divertir. Do outro, o professor, que usa de todas as suas armas possíveis para vencer o barulho que o atrapalha e apresentar o conteúdo. O professor entende que precisa estar no controle, e para isso, utiliza de gritos de ordem e ameaças contra aquilo que eles gostam: os momentos de recreação e atividades práticas. O aluno, chamado indisciplinado, se submete às ordens apenas quando a ameaça surge, simplesmente porque o professor não tem autoridade para fazer um pedido simples e ser atendido. O que era para ser um

relacionamento saudável torna-se uma batalha constante. E a postura que cada parte deveria adotar acaba por se desfazer.

Ao buscar ser ouvido através da ameaça, o professor retira o seu papel de autoridade na sala e assume a posição de ditador. Ele deixa de ser aquele que deve ser respeitado e obedecido porque sabe o que é melhor e quer o bem, e passa a ser ouvido por medo da repreensão e da punição.

A ação pedagógica, neste caso transforma-se numa verdadeira guerra, com os seus participantes (professor e alunos) desenvolvendo um ódio surdo e paralisante que, por debaixo da falsa harmonia do respeito formal, destrói o relacionamento e o compromisso educacional. (VASCONCELLOS, 2010, p. 36)

Há uma diferença entre agir com autoritarismo e agir com autoridade. A primeira nos lembra de personagens históricos como Napoleão Bonaparte e Stalin, que ficaram conhecidos por seu despotismo, onde suas ordens deveriam ser obedecidas sem questionamentos ou reflexão, como fruto da coerção e do medo a punição. Sem dúvidas eles eram respeitados, mas pela força. A ação com autoridade remete á condução, no sentido de que existe um ser de mais experiência e conhecimento que conquista a autoridade por sê-lo e assume a função de guia, não de ditador.

Desde que a renúncia da vontade é muito mais difícil a alguns alunos do que a outros, o professor deve fazer com que a obediência às suas exigências seja tão fácil quanto possível. A vontade deve ser dirigida e modelada, mas não ignorada ou esmagada. (...) Sempre procurai guiá-los, mas nunca forçá-los. (WHITE, 2007, p. 210)

A rigorosa educação das crianças, sem lhes dirigir convenientemente o modo de pensar e proceder por si mesmas na medida que o permitam sua capacidade e as tendências da mente, para que assim elas se desenvolvam no pensar, nos sentimentos de respeito por si mesmas e na confiança na própria capacidade de executar, produzirá uma classe débil em força mental e moral. E quando se acham no mundo, para agir por si mesmas, revelarão o fato de que foram ensinadas, como

os animais e não educadas. Em vez de sua vontade ser dirigida, foi forçada à obediência mediante rude disciplina por parte dos pais e mestres. (WHITE, 2007, p. 227)

Novamente, o exemplo de Jesus com os seus discípulos nos revela grandes lições. O Mestre dos Mestres, em momento algum ameaçou punir seus seguidores se eles não fizessem aquilo que ele os ordenava. Ele não exigia a obediência através da força ou muito menos do medo. Mesmo sendo sua classe sem disciplina ou postura, Cristo lhes ensinava através das parábolas e de exemplos de pessoas que não fizeram escolhas corretas e acabaram por sofrer consequências. Por ter *conquistado* a *autoridade*, Ele os *guiava* através do *exemplo*.

4 AUTORIDADE + PERMISSÃO = DISCIPLINA

Precisamos colocar o problema no seu devido lugar. Mais uma vez, a contradição comportamento/desejo do aluno X comportamento/desejo do professor é falsa. Não se trata de medir forças, nem estatutos, “nem ver quem pode mais”. Isto, aliás, é o que tem sido feito, infantilmente, por muitos professores. Trata-se, isto sim, de redimensionar o problema: a questão central não está na disputa professor x aluno, mas sim na organização do trabalho coletivo em sala de aula para se realizar a construção do conhecimento, a educação. (VASCONCELLOS, 2010, p. 48)

Disciplinar é unir forças. Trata-se de uma junção do professor e do aluno para vencerem aquilo que chamamos de indisciplina. Quando apenas um dos lados trabalha para isso, não existem progressos permanentes, mas sim, reações momentâneas. A relação entre o professor e o aluno deve gerar confiança, a ponto de a criança entender e permitir que o mesmo a domine. Este domínio tem que ver com auxílio, respeito e liberdade para crescer.

O aluno precisa perceber no professor o interesse pelo crescimento. Precisa estar nítido o empenho do professor em ver o bem da criança, não através de palavras, mas por

ações. Se isso não acontece, a rejeição a autoridade surge e problemas muito maiores se desenvolvem, problemas estes que serão sentidos futuramente. A segunda lei de Newton é válida neste contexto também, já que toda ação do educador gerará uma reação no educando.

Caso reunissem as crianças bem junto a si, e lhes mostrassem que as amam, e manifestassem interesse em todos os seus esforços, e mesmo em suas brincadeiras, tornando-se por vezes mesmo uma criança entre elas, dar-lhes-iam muita satisfação e lhes granjeariam o amor e a confiança. E mais depressa as crianças respeitariam e amariam a autoridade dos pais e mestres. (WHITE, 2007, p. 265)

O professor, por sua vez, precisa primeiramente, demonstrar, através do seu exemplo de vida, como é bom viver disciplinadamente. É preciso também destruir o conceito de que barulho significa indisciplina e buscar abrir oportunidades de diálogo para que o aluno cresça através da conversa. Além disso, demonstrar interesse pelo aluno ao invés de apenas exigir coisas dele, fará com que o aluno perceba o seu papel, aceite a autoridade e permita que o professor o molde para que ele seja melhor futuramente.

Disciplinar é educar. Educar é conduzir. E para conduzir é preciso interagir e conquistar a permissão para isso.

A devida educação inclui, não somente a disciplina mental, mas aquele cultivo que garante a sã moral e o correto comportamento. (WHITE, 2007, p. 293)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber da existência de um problema, compreender suas características e construir uma possibilidade solucionadora, impõe ao sujeito duas atitudes: ser consciente, mas inoperante; ou aceitar a função que lhe foi incumbida e trabalhar para que a teoria que possibilita solução se concretize. Vasconcellos, em seu livro “Para onde vai o professor?” (2003), coerentemente afirmou que “os educadores têm sido, em medida significativa, responsáveis pela manutenção da situação em que se encontram.” (p.72).

Contextualizando para o tema abordado, podemos dizer que se a indisciplina em sala de aula tem ultrapassado os limites do controle, talvez nós, professores, estejamos sendo participantes do incentivo a criação de mais indisciplina.

Não queremos colocar a responsabilidade apenas nas costas dos educadores. Seria uma tremenda injustiça, uma distorção da realidade e uma atitude bastante ineficaz, visto não apontar caminhos concretos de intervenção, além de baixar a autoestima dos professores. Há um conjunto de questões fundamentais dadas a priori sobre quais não tivemos liberdade de decidir. O que queremos destacar é que nós também estamos neste barco; isto pode ser difícil admitir, mas pode ser também libertador: podemos intervir! (VASCONCELLOS, 2003, p. 73)

Através de sua atividade em sala de aula, o professor pode estar participando de todo o movimento de transformação da realidade. Todavia, para que esta possibilidade se efetive, é preciso que assuma uma postura crítica diante dos desafios que estão colocados no cotidiano. (VASCONCELLOS, 2003, p. 76)

Cada professor tem em suas mãos a possibilidade de transformar. É verdade que trabalhar com efetividade para que o avanço aconteça não é fácil, porque isso envolve, primeiramente a transformação do próprio educador. É preciso aceitar a condição de sujeito ativo e capaz de fazer melhora, entender o seu papel influenciador no seu meio de atuação e agir em prol dos alunos, para então observar os resultados.

Nem sempre o que consideramos indisciplina, de fato o é. Nem sempre demonstrar domínio através de punições gera resultados disciplinadores positivos. Mas optar por agir disciplinando não por temor, mas por amor, e mostrando que passos devem seguidos para futuramente alcançar sucesso através do seu exemplo, podem ser ações com resultados melhores do que continuar o círculo indisciplinado e punitivo da sociedade que temos hoje, como nos mostra a história de Jesus, onde o aluno disciplinado é aquele que é discípulo do professor, e que o segue porque admira sua postura e não porque foi obrigado.

REFERÊNCIAS:

Dicionário Michaelis, acesso virtual em 07/06/2018

DOBSON, James; Ouse disciplinar, 2º ed. 1984.

GIBBS, Ollie; HADDOCK, Jerry L. Sala de Aula: Disciplina e Gestão, 1995.

VASCONCELLOS, Celso S. (In)Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola, 18º ed. São Paulo: Libertad, 2010.

VASCONCELLOS, Celso S. Para onde vai o professor? – Resgate do professor com sujeito de transformação, 10º ed. São Paulo: Libertad, 2003.

WALLON, Henri; Psicologia e educação da criança. Lisboa: Vera, 1979

WHITE, Ellen G. Educação, acesso virtual em 07/06/2018

WHITE, Ellen G. Orientação da Criança, 9º ed. 2007.